

O Anthropos em AuTRAN Dourado: Uma leitura a partir do Outro

Luiz Eduardo Ludvig Alencastro
Edgar César Nolasco
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Brasil

Entre dois mundos: escrevo a partir da fronteira

Opto por tal vertente teórica por compreender que só uma epistemologia *outra*, do Sul, pode dar conta das celeumas e das particularidades embutidas nos corpos-*corpus* desobedientes e relegados às exterioridades (*anthropos*) pela interioridade (*humanitas*).

Medeiros, *Escrevivências em Silviano Santiago*, 15.

Biela vê-se entre dois mundos e, posta no limiar, não hesita: prefere o seu.

Pólvora, *O segredo de prima Biela*, 10.

Este texto é acerca de uma leitura *a partir de*¹ sensibilidades *outras* e sustento tal afirmação ao dar ênfase nas epígrafes para iniciar minhas ponderações. Nesse sentido, considerando o excerto epigrafado do teorizador sul-mato-grossense Pedro Henrique Alves de

¹O a partir de, no meu texto sempre grifado em itálico, trata-se da diluição das estruturas de sujeito e objeto. A expressão inferida por Mignolo descreve acerca da necessidade de se falar a partir da própria exterioridade, em vez de simplesmente falar sobre esta, pois “o problema não é descrever na ‘realidade’ os dois lados da fronteira. O problema é fazê-lo a partir de sua exterioridade” (Mignolo, 2003, 42). Então, erigir um discurso crítico a partir da condição de fronteira é entender que a distinção entre sujeito que pensa e objeto que é teorizado se dilui. Nesse caso, escrevo de onde vivo, pois minha identidade é também formada a partir de onde penso, portanto, refletir no a partir de é não defender nenhuma leitura que não seja possível de aproximação com as experiências do meu corpo de pesquisador, negro, homossexual e sobretudo fronteiriço.

Medeiros, explícito que opto² por me valer da epistemologia descolonial para engendrar o que proponho. Então, esclareço que pensar *a partir da* descolonialidade se trata de uma opção teórica pertinente a fim de conceituar, com mais fôlego, o que busco durante a produção deste projeto, o *anthropos*³, conceito do teórico argentino Walter Mignolo que caracteriza aquele assolado pela colonialidade. Ademais disso, abarcados pela descolonialidade, valorizo a inscrição de minhas sensibilidades no ato reflexivo, já que permite conjecturar e objetivar os entrelaçamentos dos corpos colonizados.

Procedo os objetivos deste escrito, estipulando que *anthropos* pode ser ponderado a partir da literatura do autor mineiro Autran Dourado e *a partir da* inscrição do meucorpo de pesquisador alocado na fronteira, submetido a invenções discursivas balizadoras de minha existência. No tocante à teorização elegida, aproximo-me do trecho epigrafado do crítico literário Hélio Pólvora, uma vez que prefiro/optopor minhas sensibilidades para desmontar narrativas que há muito rechaçam nossos corpos *anthropos* da possibilidade de pensarem por si. Embora Pólvora discorra sobre Biela, ao longo do texto, postularei que a personagem não está tão distante de mim, quando pensamos em sensibilidades restringidas, ou completamente apagadas do fazer crítico. Portanto, as epígrafes não se apresentam por mera capacidade de sintetizar o que escrevo, mas, também por abrir possibilidades de discussão que ultrapassam a superfície textual, tal como o sentir dos sujeitos de fronteira.

Teorizar *a partir de* minhas sensibilidades é a *opção* que tomo ao erigir o vigente texto, para tanto, circunscrevo-me em uma leitura de cunho crítico biográfico fronteiriço⁴, a qual acata meu corpo e local de onde escrevo como condição indispensável do pensamento reflexivo. Dessa forma, valho-me de uma visada crítica, no afã de formular meu discurso em

²O vocábulo “opção”, advindo da expressão “opção descolonial”, refere-se à ideia plasmada pelo texto do teórico argentino Walter Mignolo “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”, publicado em 2008. Nesse sentido, advogo que optar pelo campo epistemológico descolonial é o caminho elegido para o engendramento de minhas reflexões e na esteira de Mignolo: “a opção descolonial significa, entre outras coisas, *aprender a desaprender* [...], já que nossos cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial” (Mignolo, 2008, 290). Portanto, sustentar a opção de ler descolonialmente o mundo é empreender uma prática que desobedece aos postulados coloniais, ao inserir as sensibilidades como balizadoras do discurso crítico, já que a colonialidade se formata por políticas de reificação do objeto de estudo e seu crítico.

³O *anthropos* é um conceito que se refere, em suma, àqueles que foram assujeitados na estrutura colonial. Valho-me como ponto de partida desse conceito, as considerações erigidas por Walter Mignolo, no texto “Desafios decoloniais hoje” em 2017.

⁴Tomo como proposição inicial para fundar minha leitura crítica biográfica fronteiriça, o texto do pensador brasileiro Edgar César Nolasco intitulado “Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia)”. Esse texto é basilar, uma vez que postula a vida do autor e o local de onde fala como condições indispensáveis no fazer teórico.

congruência com a máxima de pensar de onde se é. Assim, congrego neste trabalho o que, em minha perspectiva, não se pode mais barganhar ao refletir: minha vida e o contexto *a partir do* qual penso. Em resumo, unir o que meu *bios* e *lócus* são. Na esteira do teorizador Nolasco:

trata-se do que passo a denominar de (bios=vida + lócus=lugar) *biolócus*. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do *bios* (quer seja do “objeto” em estudo, quanto ao sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do *lócus* (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta). (Nolasco, 59.)

As proposições acima se convergem com a união entre vida e o local onde é narrada. A epistemologia fronteiriça é relevante à medida que na crítica biográfica fronteiriça se tem a possibilidade de relacionar aspectos da vida do escritor com a sua obra e nas proposições de Nolasco, também há um enfoque no espaço de onde falam os sujeitos (autor, personagem, crítico). Estima-se, assim, que o caminho teórico, traçado *a partir do* meu *biolócus* colonizado, permite desvelar oportunidades *outras* de leitura no que tange às narrativas autranianas, ademais de formatar um espaço fértil para se discutir o corpo dos *anthropos*. Em suma, busco tecer reflexões para aclarar as concepções de *anthropos*. Dessa forma, visio traçar uma trajetória teórica, a qual se embasa no campo epistemológico descolonial, tendo início no esclarecimento do contexto que faz emergir meu pensar. Ademais disso, as obras *Uma vida em segredo* e *Solidão Solitude*, ambas do escritor mineiro Autran Dourado, servir-me-ão para poder circunscrever melhor o tema.

Introdutoriamente balizo minha leitura *a partir de* sensibilidade na obra *Uma vida em segredo*, a qual conta a jornada de prima Biela. Gabriela da Conceição Fernandes, ou prima Biela, trata-se de uma jovem moça que, à causa das intempéries da vida (falecimento dos pais e uma sociedade patriarcal), acaba sendo levada para o ambiente urbano e lá tenta se estabelecer, acostumando-se com as tradições citadinas, uma realidade distante quando comparada ao campo de onde viera. Descrevo o cerne narrativo da obra, pois, dele parto, a fim de fundamentar minhas reflexões que concernem tanto os caracteres biográficos quanto os de ordem local percebidos na obra autraniana.

A novela publicada na década de 60 é eleita pela afinidade que o autor possui com a personagem. Biela, assim como expresso na epígrafe, é posta nos limites dos espaços que encena. Percebe-se ao longo do enredo que esta é levada a reboque e vista como embaraçosa pela sua família citadina desde quando chega ao perímetro urbano: “Não disseram nada, olharam apenas meio desiludidas a figura miúda e socada que vinha encilhada no cavalo do pampa, debaixo de uma sombrinha vermelha desbotada” (Dourado, 2000, 23). Entrevejo uma percepção da personagem que se estende por todo o romance e se torna fundamental para estabelecer uma afinidade que vai além da narrativa, por intermédio das palavras do próprio autor:

É um livrinho pequenininho: *Uma vida em segredo*. É um livro que me toca muito. É uma novela. É um livro pequeno. (Alguma afinidade com a Biela?) Há afinidade muito grande. Ela é um ser muito complicado. O que se passa com ela é quase... Ela é incapaz de resolver certas coisas. (Santos, 192.)

Autran define Biela enquanto *complicada e incapaz de resolver certas coisas* e suas afirmações movimentam seu vínculo biográfico, ao remontar uma personagem marcada pela violência preponderante quando se trata da inscrição do corpo na produção de conhecimento. Na esteira dessa assertiva, valho-me do conceito de biolócus, no intento de estipular uma aproximação entre a personagem descrita na narrativa e a experiência empírica do escritor mineiro em escrevê-la. Dentro dessa perspectiva, por comparação à afinidade do literato de Minas, postulo que a leitura crítica biográfica fronteira me permite compreender que a imagem de uma protagonista rural, sempre latente ao seu mundo, destaca uma abertura para meu próprio posicionamento enquanto pesquisador. Portanto, sob a alcunha de leitor crítico alocado em uma instituição de fronteira, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), torno meu pensamento situado nas sensibilidades de meu corpo fronteiro a máxima que redige o presente texto. Assim, percebo que estar em posição de fronteira não se trata somente de uma questão geográfica, mas também epistêmica. Erigir um pensar *a partir de onde falo* implica em abarcar idiosincrasias minhas, porém, compartilhadas também com sujeitos *anthropos/outros* que tiveram sua óbvia humanidade negada.

A trajetória de Biela nos auxilia a pensar tais corpos de diferentes ângulos, os quais também aquilatam a escolha de tomar a sensibilidade como matéria-prima do que escrevo.

Por esse caminho, vê-se desde o início a passividade de Biela perante sua própria vida, como se não a pertencesse. Todos os seus caminhos são traçados ao lado de alguém, num fracassado e incessante afã de se descobrir no novo ambiente em que se encontra, não é por acaso que Pólvora comenta que “desde o começo que o seu destino dependerá de outras pessoas, que sua vontade dificilmente será acionada” (Pólvora, 07).

Evidencio que em diversos momentos sua ação é influenciada ou completamente invalidada, principalmente no tocante à execução de padrões sociais latentes ao corpo feminino urbano, como a ânsia pelo casamento: “Constança trancou-se novamente com Prima Biela. Como é, prima? Você já teve muito tempo para pensar. Tem de me dizer agora, agora mesmo, quer ou não quer se casar? Querer eu quero. A prima quer? disse Biela.” (Dourado, 2000, 73). A partir do excerto, leio a comprovação da afirmação de Pólvora, ao ponto de deprender que Biela vive em função daqueles que detém poder, ou seja, a sua família. Entender as relações hierárquicas avistadas pelo crítico literário e presentes na obra possibilita traçar as primeiras ponderações que deságuam na lógica que incute uma relação comparatista entre a personagem e corpos *anthropos*.

Assim, chego a primeira assertiva acerca dos sujeitos atravessados pelas sequelas coloniais: a narrativização dos caminhos possíveis de seu existir. Então, a comparação se aclara à luz da descolonialidade, uma vez que as relações hierárquicas de poder entre prima Biela e sua família me ajudam a pensar que o roteiro seguido pela personagem na trama, pelo menos no que tange à adaptação no ambiente urbano, coordena-se pela cosmovisão de sua família. Portanto, são estes que narram a jornada da mulher interiorana em contraposição de suas próprias vontades. Entrevejo a aproximação com Mignolo quando postula que:

O enunciado necessita um (agente) enunciadador e uma instituição (não é qualquer um que pode inventar o *anthropos*); mas para impor o *anthropos* como “o outro” no imaginário coletivo é necessário estar em posição de gerenciar o discurso (verbal ou visual) pelo qual se nomeia e se descreve uma entidade (o *anthropos* ou “o outro”), e conseguir fazer crer que esta exista. (Mignolo, 2017, p. 18.)

O *anthropos/ outro*, enquanto corpos submetidos às relações coloniais de poder que os alcançam dessa maneira, resumem-se a enunciados bem articulados por quem detém o controle do discurso. Nesse preciso sentido, ainda que a hierarquização de corpos seja latente e representável na literatura, refiro-me a uma narrativa, ou seja, algo não empírico. O valor pejorativo posto sobre a existência dessas sensibilidades não se estabelece por marcas tangíveis na realidade material, mas, sim, pela fundamentação de juízos de valores, impositivamente, alicerçados na existência desses corpos. Vertendo-me na superfície literária, trato de pôr em evidência que Biela é inferiorizada para que sua assimilação no ambiente citadino seja bem-sucedida e isso não se deve a qualquer fator ontológico, senão pela construção de pontos de vista que relativizam a sua existência quando comparada ao sujeito urbano. Dessa forma, o único modo de Biela existir na cidade ficcional de Duas Pontes seria através da cosmovisão das tradições urbanas, isto é, narrativizando sua presença para que se encaixasse no padrão de vida da cidade.

Sob a égide da descolonialidade, penso a narrativização do nosso existir como consequência de processos colonizatórios que ultrapassam o campo territorial e econômico. Considerando isso, a colonização não se trata tão somente de uma nova estratégia de dominação territorial e política encabeçada pela Europa, mas o domínio ocorre no campo do imaginário coletivo, reestruturando a maneira como nos relacionamos com o mundo. Subsidiou meu pensamento nas reflexões do sociólogo peruano Aníbal Quijano:

reprimiram [colonizadores] tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade. [...] Todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura. (Quijano, 121.)

Assim, sustento esse conceito enquanto entrelaçamento entre Europa e o resto do globo, no que tange à maneira de pensar o mundo e que, conseqüentemente, funda qualquer

forma moderna de pensar. Quando grafo “forma moderna de pensar”, faço referência aos modos de ponderar sobre a realidade material após o processo de colonização. Direcionando-me nessa lógica, pondero, *a partir desse* panorama, que a colonização assola a interação subjetiva dos sujeitos *anthropos*, destituindo-lhes a possibilidade de pensá-la pelos primas locais, já que, como pensado pelo exemplo de Biela, só se existe ao se inferiorizar perante as perspectivas hegemônicas.

Haja vista a inserção indissociável da estrutura colonial na concepção de novos conhecimentos, critico-a, partindo do espaço de onde se aloca esta produção teórica. Logo, ao valer-me da relação comparatista entre Biela e o *outro*, insiro-me na tônica crítica biográfica fronteiriça que meu discurso assume. Na proposição de discorrer criticamente acerca da colonização, grifo neste escrito os traços de minha vida erigida em Mato Grosso do Sul, região fronteiriça do Brasil. Meu local de fronteira geográfico oferece um prenúncio da gestação de uma vida atravessada pelo caráter *outro*, o qual *optei* por não delegar, a fim de lapidar meu discurso em bases empíricas, aquelas entrecortadas pela minha própria existência e pelas sequelas coloniais em meu corpo. Cabe explicitar que se situar em local de fronteira não basta, tem de ser em estado de fronteira, isto é, entrever que o predicativo fronteiriço ultrapassa a mera noção locativa e ganha sentido epistêmico. Dessa forma, questiono o *acidentado processo* que culmina no rechaço de minhas sensibilidades, enquanto meio válido de me relacionar intersubjetivamente com o mundo que me cerca e *a partir dele* fazer o meu teorizar. Interpelo o conceito de fronteira com as ideias do sociólogo Boaventura de Sousa Santos:

As distinções visíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’. A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. (Santos, 23.)

Parto das reflexões de Santos e me direciono a pensar a fronteira através dos espectros das *linhas radicais*, limites de duas realidades. Assim, a invenção do *anthropos* movimentava estruturas balizadoras da própria experiência material, a qual é hierarquizada dentro das valorações coloniais. Nesse mote, pode-se explicar a gênese da óptica colonial no tocante à

narrativização do *outro*, isto é, compreender que só podemos existir à medida que nos aproximamos da linha produzida enquanto realidade, já que habitamos o local da inexistência, o *outro lado da linha*. Então, ler descolonialmente seria caminhar em direção contrária, compreendendo a lógica colonial e nos valer desse *outro lado* enquanto abrigo de nossas ideias.

Colocar em interrogação a enunciação (quando, por quê, onde, para quê) nos dota do conhecimento necessário para criar e transformar, e que parece necessário para imaginar e construir futuros globais; isso constitui o coração de qualquer investigação decolonial. [...] Habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e resubjetivar-se. (Mignolo, 2017, 19.)

A hipótese de Mignolo se conflua com a de Boaventura e precisa o meu estado de fronteira cuja vivência se estabelece em bases empíricas, pois daqui existo, sinto e escrevo, não obstante, também avisto que meu viver subsidia a constante busca pelo questionamento das estruturas que nos balizam. Objetivando um projeto de leitura decolonial, não o poderia fazer se não por intermédio de minha presença na fronteira e do anseio de me *resubjetivar* ao desmontar a lógica colonial com o meu corpo. De modo a desvelar como os corpos *anthropos* me possibilitam uma leitura crítica biográfica fronteiriça, insisto em escrever *a partir das* minhas sensibilidades de fronteira⁵ e da condição que a sociedade colonial me delegou, a de pesquisador negro, homossexual e habitante da fronteira-sul.

Minha opção de acatar tais alcunhas como rubricas indispensáveis da minha leitura funda a revitalização da crítica, a qual vilipendiou o corpo do crítico no fazer teórico. Nesse sentido, não deixo de circunscrever-me na literatura autraniana, entretanto, desta vez, valho do conto “Inventário do primeiro dia” e seu protagonista, João da Fonseca Nogueira, para ponderar os entrelaçamentos que me acarretam a refletir *a partir dos* corpos *outros*.

O jovem, retratado de maneira cabisbaixa e tímido, trata-se de um estudante que visa chegar no internato. Durante toda a narrativa, avalia-se que João se inquieta com as novas

⁵Balizado por uma perspectiva que prima pelas sensibilidades dos sujeitos de fronteira, escolho “sensibilidade de mundo” ao invés de “visão de mundo” por uma questão de refinamento teórico. À luz do que propõe Walter Mignolo: “La decolonialidad y el pensamiento/sensibilidad/hacer fronterizos están por consiguiente estrictamente interconectados” (Mignolo, 2013, 3). Assim, “sensibilidade” ou “fazer” são termos mais adequados, já que em si evocam o caráter empírico da vida de fronteira, o qual serve de substrato para as ponderações aqui fundamentadas.

experiências vividas fora do seio familiar e me foco especialmente em suas experiências documentadas no momento em que se matricula no internato. Paralelamente a Biela que se aproxima de meu biolocus, uma vez que se encontra em local de fronteira e tem sua existência discursivizada em uma estrutura de poder, João traça, em suas experiências, a distinção entre *linhas radicais*, comentada por Boaventura de Sousa Santos. A sucessão de agressões que sofre no internato conclama a inscrição de um corpo marcado pela violência, mas que resiste ao intentar ressignificar sua narrativa.

Nesse sentido, aproximo-me das experiências de João a fim de traçar atravessamentos biográficos. O ponto de interesse, na tônica de minha discussão, não se centra, especificamente, na violência explícita de sua existência no internato. Em realidade, discorro sobre o trecho final do conto cujo impacto, seja poético ou pessoal, enriquece o engendramento integral de um escrito fundado nas políticas crítico biográficas fronteiriças. Assim, evocando o último excerto, temos: “Enquanto a noite rolava, fazia um inventário completo de seu primeiro dia no internato. E então já não estava mais se lembrando, mas contando a alguém a sua história. Começava a inventar?” (Dourado, 1972, 89). Portanto, o fragmento que se relaciona com o título do conto expõe uma ação do personagem principal oriunda de sua vivência no espaço onde se situa.

Enfatizo, então, que Autran faz seu leitor questionar a veracidade da narrativa desenvolvida, uma vez que não é claro se João a inventa ou a vive. Entretanto, circunscreve-me na reflexão erigida a partir do ato do protagonista, assim, ainda que o jovem pudesse inventar sua história a seu bel-prazer, prefere inscrever sua experiência através das ofensivas sofridas. Tomando o controle de sua história, conta ao leitor acerca de sua subalternização no internato, sobre como via as atribuições de seus colegas para com ele e daí constitui sua existência no local em que habita. Entrevejo uma associação teórica, no tocante ao ato ficcional do interno, já que entende sua condição de desestima e a partir dela narra o conto inteiro:

As identidades construídas pelos discursos europeus modernos eram raciais (isto é, a matriz colonial) e patriarcais. Fausto Reinaga (o aymara intelectual e ativista) afirmou claramente nos anos 60: “Danem-se, eu não sou um índio, sou um aymara. Mas você me fez um índio e como índio lutarei pela libertação”. A

identidade em política, em suma, é a única maneira de pensar descolonialmente.
(Mignolo, 2008, 290.)

A partir da citação acima, adentro a narrativa de João ao estipular que sua identidade se formula, tendo como base a visão de seus colegas que o subjugam. Mais uma vez, a literatura autraniana me possibilita tecer comparações de cunho teórico e, sobretudo, descolonial. Nessa esteira, ofereço uma nova nuance para o texto que nasce da superfície literária e tange minha vida encenada da fronteira-sul, plasmando a identidade como pauta principal da política que rege minhas reflexões, ou em termos teóricos, minha *identidade em política*. Independentemente de invenção ou não, o inventar de João da Fonseca me incita a revisitar a única maneira de pensar na descolonialidade, a qual conclama minha *identidade em política*. Dessa forma, uno o ato de ler *a partir das* minhas sensibilidades com o conto de João, no qual também narra a partir do que vive.

A necessidade de propor uma teorização *a partir de* minha *identidade em política*, ou seja, cravar meu corpo de pesquisador negro, homossexual e sul-fronteiriço (Brasil/Paraguai/Bolívia) como condição *sine qua non* de minha leitura, redireciona-me para uma prática epistemologicamente desobediente. Entendendo os corpos *outros* enquanto discursivizações que nos separam em dois lados distintos, hierarquicamente arquitetados, postulo que a inserção das sensibilidades fronteiriças, inclusive as minhas, aquilatam uma lógica instaurada na desobediência aos padrões analíticos e metafísicos do fazer científico. Na esteira de Mignolo, todo o engendramento dos *anthropos*, que optam tomar sua *identidade em política* e pensar descolonialmente, fundamenta-se no pensamento que advém das fronteiras:

o pensamento fronteiriço é a singularidade epistêmica de qualquer projeto decolonial. Por quê? Porque a epistemologia fronteiriça é a epistemologia do *anthropos* que não quer se submeter à *humanitas*, ainda que ao mesmo tempo não possa evitá-la. A descolonialidade e o pensamento/sensibilidade/fazer fronteiriços estão estritamente interconectados (Mignolo, 2017, 17.)

Nesse exato sentido, entendo que desobedecer epistemologicamente não é permanecer num lugar incerto do campo epistemológico, senão, fazer emergir as sensibilidades de

cada sujeito e inseri-las, conjuntamente com o próprio sujeito, enquanto princípios *suleadores* da produção de conhecimento daqueles tidos como fronteiriços, ou em outros termos, nós, *anthropos*. Visando essa perspectiva, entro em consonância com as palavras de Autran Dourado, quando relata no livro de Eneida Maria de Souza que “A literatura ajuda a pensar o mundo, como filosofia. A filosofia pensa racionalisticamente, a literatura plasticamente, emocionalmente.” (Souza, 37). Corroboro, portanto, a possibilidade de entrecortar questões do corpo e do sentir com a literatura mineira de Dourado.

Assim, opto pelas minhas sensibilidades para erguer uma leitura crítica biográfica fronteiriça, na qual evoca meu biolocus, a fim de me guiar no exercício teórico. Portanto, infiro que Autran Dourado formula duas personagens, Biela e João da Fonseca Nogueira, cujas idiosincrasias entrecortam a própria existência do *anthropos/ outro*. Além disso, estipulo aproximações teóricas na superfície literária, extrapolando-a para meu *bios*, tão latente em minhas ponderações. O *anthropos* é elemento central de meus entrelaçamentos biolocais com o autor mineiro. Depreendendo o constante trabalho de pensar *a partir de* onde se é, avisto que a discursivização do *anthropos* e sua separação em *linhas radicais* devem ser tomadas enquanto fator identitário de suas ponderações. Para além do texto, congrego que minha *identidade em política* de pesquisador *anthropos* encabeça um discurso cujo principal caminho se pauta no constante desmonte de perspectivas hegemônico-coloniais.

Retomo a afirmação do primeiro período deste texto, cujo objetivo é estabelecer uma leitura *a partir de* sensibilidades *outras*. Justificando tal assertiva, direcionei-me em um percurso teórico que permite a congregação de minhas sensibilidades, por intermédio da literatura de Autran Dourado. Ler sobre Biela e João da Fonseca me possibilitou ir mais além, a fim de pensar *a partir deles*, notar suas violências e correlacioná-las de modo a conceituar o *anthropos* daqui da fronteira-sul. Nessa seara, tratei de propor um exercício de crítica biográfica, aproximando os personagens do meu biolocus e comparando a maneira como desenvolvem um senso de si.

No tocante às possibilidades futuras de articulação teórica, já que este artigo emerge da finalização de um ciclo anual de iniciação científica, caminho em direção que ultrapassa a superfície literária e tange à fortuna crítica do autor mineiro. Entendendo que o campo de

Literatura Comparada se centra primordialmente na comparação exclusiva de literaturas, estipulo que seria produtivo enfocar-me em comparar as percepções da crítica brasileira em relação ao escritor de Patos de Minas, promovendo uma renovação nos estudos comparatistas. Compreendo, desdobrando-me sobre esta perspectiva, que Autran Dourado é lido na crítica brasileira pelos espectros coloniais modernos, ao ponto de me possibilitar uma contraposição *a partir das* teorizações de ordem descolonial.

© Luiz Eduardo Ludvig Alencastro & Edgar César Nolasco

Referências

- Dourado, Autran. *Solidão Solitude*. Belo Horizonte: Record, 1986. Impreso
---. *Uma vida em segredo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Impreso
- Medeiros, Pedro Henrique de. *Escrevivências em Silviano Santiago*. Curitiba: Editora CRV, 2023. Impreso
- Mignolo, Walter. *Histórias locais/projetos globais:colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, (2003)
---. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política.” *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade*, Niterói, n. 34 (2008): 287-324.
---. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del siglo, (2010).
---. “Geopolíticas de la sensibilidad y del conocimiento.” *Revista de filosofía*, Macaraibo: Universidad de Zulia, (2013).
---. “Desafios decoloniais hoje.” *Epistemologias do sul*, Foz do Iguaçu, (2017).
- Nolasco, Edgar César. “Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia)”. *Cadernos de estudos culturais: Brasil/Paraguai/Bolívia*. Campo Grande v. 7, n. 14 (2015): 47-63.
- Quijano, Aníbal. “Colonialidad y Modernidad/racionalidad”. *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones. Ciudad de Guatemala: FLACSO (1992): 437-449.
- Santos, Boaventura de Sousa. “Para além do pensamento abissal”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, (2007).
- Santos, Leonor da Costa. *Autran Dourado em romance puxa romance ou a ficção recorrente*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, (2008).
- Souza, Eneida Maria de. *Autran Dourado*. Belo Horizonte: Curso de Pós-Graduação em Letras, 1996. Impreso